

JORNAL DO BRASIL

© JORNAL DO BRASIL S.A. 1997

RIO DE JANEIRO • Segunda-feira • 21 DE ABRIL DE 1997

FUNDADO EM 9 DE ABRIL DE 1891

Preço para o Rio: R\$ 1,00

Índio é incendiado em Brasília

Brasília — Arnildo Schulz



Galdino está em coma com 95% do corpo queimado e tem pouca chance de escapar

Cinco rapazes de classe média alta de Brasília atearam fogo, na madrugada de ontem, no corpo do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, 45 anos, que está em coma, com poucas chances de sobreviver. Eles confessaram a agressão e estão detidos. Galdino, conselheiro da tribo pataxó Hã-Hã-Hã, dormia num ponto de ônibus da Quadra 703 Sul, depois de ter participado de uma festa pelo Dia do Índio, quando foi atacado. Na quinta-feira, participou da marcha do MST. Um dos agressores é filho de um juiz federal e outro, enteado de um ex-ministro do Superior Tribunal Eleitoral. O advogado Evandro Castelo Branco Pertence, filho do presidente do Supremo Tribunal Federal, Sepúlveda Pertence, que passava pelo local, socorreu Galdino, que ficou com 95% do corpo queimado. Familiares e vizinhos dos rapazes — um deles menor — manifestaram-se surpresos, pois os cinco aparentavam comportamento normal. (Págs. 3 e 4 e Informe JB)



Jovens de Brasília põem fogo em índio

■ Galdino, um cacique pataxó, foi incendiado quando dormia em um ponto de ônibus e tem poucas chances de sobrevivência

JAILTON DE CARVALHO
E FRANCISCO MARQUES

BRASÍLIA — Cinco rapazes da classe média alta de Brasília jogaram ontem de madrugada um líquido inflamável e atearam fogo em Galdino Jesus dos Santos, de 45 anos, um dos caciques-conselheiros da tribo pataxó há-há-Hãe, que dormia num ponto de ônibus da Quadra 703 Sul, em Brasília. Galdino teve 95% do corpo queimado e permaneceu internado em estado de coma no Hospital Regional da Asa Norte até o início da noite. Segundo a médica Maria Célia Brito, chefe da equipe de plantão, o índio tem chances mínimas de sobreviver. O crime aconteceu por volta das 5h, apenas cinco horas depois de terminado o Dia do Índio.

Os cinco rapazes foram presos por volta de 8h em suas casas e levados para a 1ª Delegacia de Polícia, onde confessaram o crime. São eles: Antônio Novelli Cardoso de Vilanova, de 19 anos, filho do juiz federal Novelli Vilanova da Silva Reis; Max Rogério Alves, de 19, enteado do ex-ministro do Superior Tribunal Eleitoral Valter Medeiros; Eron Chaves Oliveira, de 19; Tomaz Oliveira de Almeida, de 18 anos, e G.N.A., de 17, preso na Delegacia do Menor. Os quatro maiores de idade farão exames de corpo de delito, para constatar se houve alguma agressão da polícia e farão também exame toxicológico no Instituto Médico Legal.

Perdido — De acordo com o pai de Galdino, Juvenal Rodrigues, o índio pataxó tinha participado da marcha dos sem-terra a Brasília e na noite de sábado participou de uma festa em comemoração ao Dia do Índio, na sede da Fundação Nacional do Índio (Funai). Por volta de 3h, Galdino decidiu voltar para a pensão onde estava hospedado. Como era tarde, o índio, não pôde entrar na pensão. Decidiu, então, dormir no banco de um ponto de ônibus.

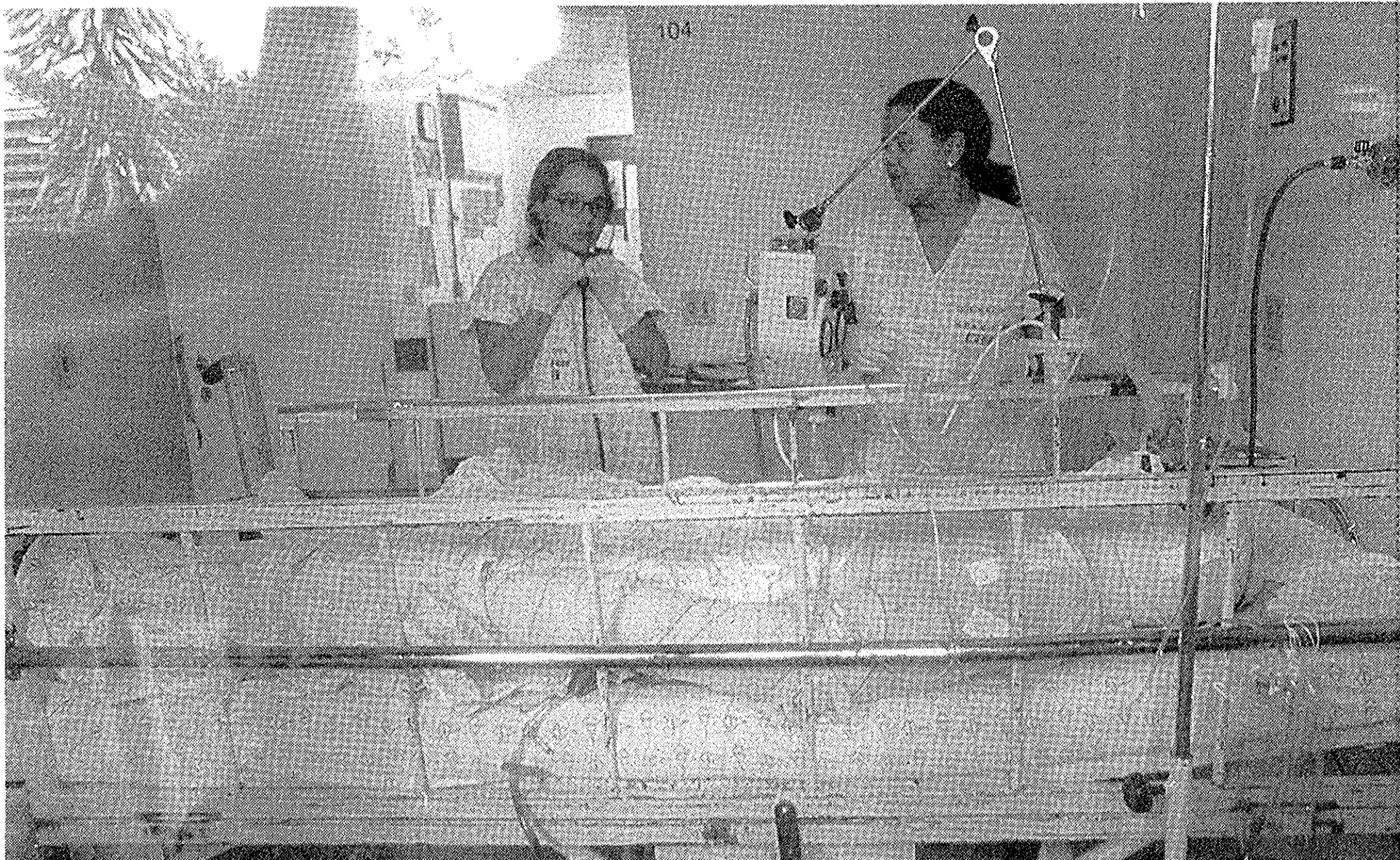
Duas horas depois, chegaram os cinco rapazes, no Monza placa JDQ 5807, do Distrito Federal. Eles jogaram um líquido inflamável redutor, usado para remover tinta, e álcool do próprio carro, em seguida atearam fogo ao corpo de Galdino. Horas antes, os rapazes estavam numa festa no Centro Comercial Gilberto Salomão — ponto da juventude de classe média alta da cidade. O delegado investiga a possibilidade de eles terem trocado de carro — estavam num Honda Civic vermelho, da família de Max — pelo Monza. Esse fato, somado ao líquido inflamável que usaram, seria mais um indicio de premeditação. Os carros teriam sido trocados na Quadra 204 Sul.

Testemunhas — No depoimento de uma das testemunhas apareceram outras insinuações de premeditação do crime. Os rapazes teriam estacionado o carro em uma outra via, paralela à Avenida W3, onde Galdino dormia. Depois de atearem fogo em Galdino, correram de volta para o carro. As testemunhas seguiram o Monza e anotaram a placa, que entregaram a uma patrulha da Polícia Militar.

Outras testemunhas, como Evandro Castelo Branco Pertence, filho do ministro Sepúlveda Pertence, presidente do Supremo Tribunal Federal, passavam pela W3 e ajudaram a apagar o fogo no corpo de Galdino com um extintor.

Segundo o boletim médico divulgado no início da tarde, Galdino está com insuficiência renal e respiratória. As únicas partes que ficaram ilesas foram as solas dos pés e a parte superior da cabeça. O índio sofreu queimaduras de terceiro grau em 85% do corpo e de segundo grau profundo em 10%.

“A gente não tinha intenção de matar”, disse Tomaz, quando chegou na delegacia. Os rapazes foram enquadrados no artigo 121 do Código Penal, homicídio qualificado, e mais três incisos — por motivos fúteis. E também a Lei 8.072 (crime hediondo).



Galdino Jesus dos Santos, queimado por cinco jovens em Brasília, está internado na UTI do Hospital da Asa Norte. Segundo os médicos, o índio tem poucas chances de sobrevivência

Vandalismo choca parentes e vizinhos

RENATO FAGUNDES

BRASÍLIA — O crime bárbaro de cinco jovens que aparentavam ser absolutamente normais chocou parentes e vizinhos. De classe média alta, com idades entre 17 e 19 anos, todos estudaram em bons colégios e nunca deram, até ontem, sinal de que poderiam fazer algo tão covarde. “Ainda não consegui acreditar no que aconteceu. Não pode ser verdade”, diz o engenheiro Ciro Vilanova, de 26 anos, irmão de Antônio Novelli Cardoso Vilanova.

Antônio morava no apartamento de Ciro, pequeno e simples, na Quadra Comercial da 715 Norte — região de sobrados em cima de lojas e restaurantes mais baratos do que os prédios das super quadras. Os dois são filhos do juiz federal Novelli Vilanova da Silva Reis. Ciro afirma que o irmão jamais deu sinais de ser usuário de drogas ou ter envolvimento com atividades violentas. “É um rapaz calmo, normal, alegre e brincalhão”, afirma Ciro. Segundo ele, Antônio deixou os estudos, há dois anos, depois de completar o primeiro grau no Colégio Marista, um dos melhores de Brasília. Segundo o delegado titular da 1ª Delegacia de Polícia, Valmir Alves de Carvalho, o rapaz foi expulso.

Amizades — Há menos de um mês, conta Ciro, Antônio trabalhava na Companhia Brasileira de Abastecimento (Conab) e não tinha nenhuma despesa com casa e comida. Fazia natação no Clube do Exército, onde o pai é sócio. Ciro não conhecia os amigos do irmão, mas conta que de vez em

quando Antônio saía acompanhado de um amigo num automóvel Gol.

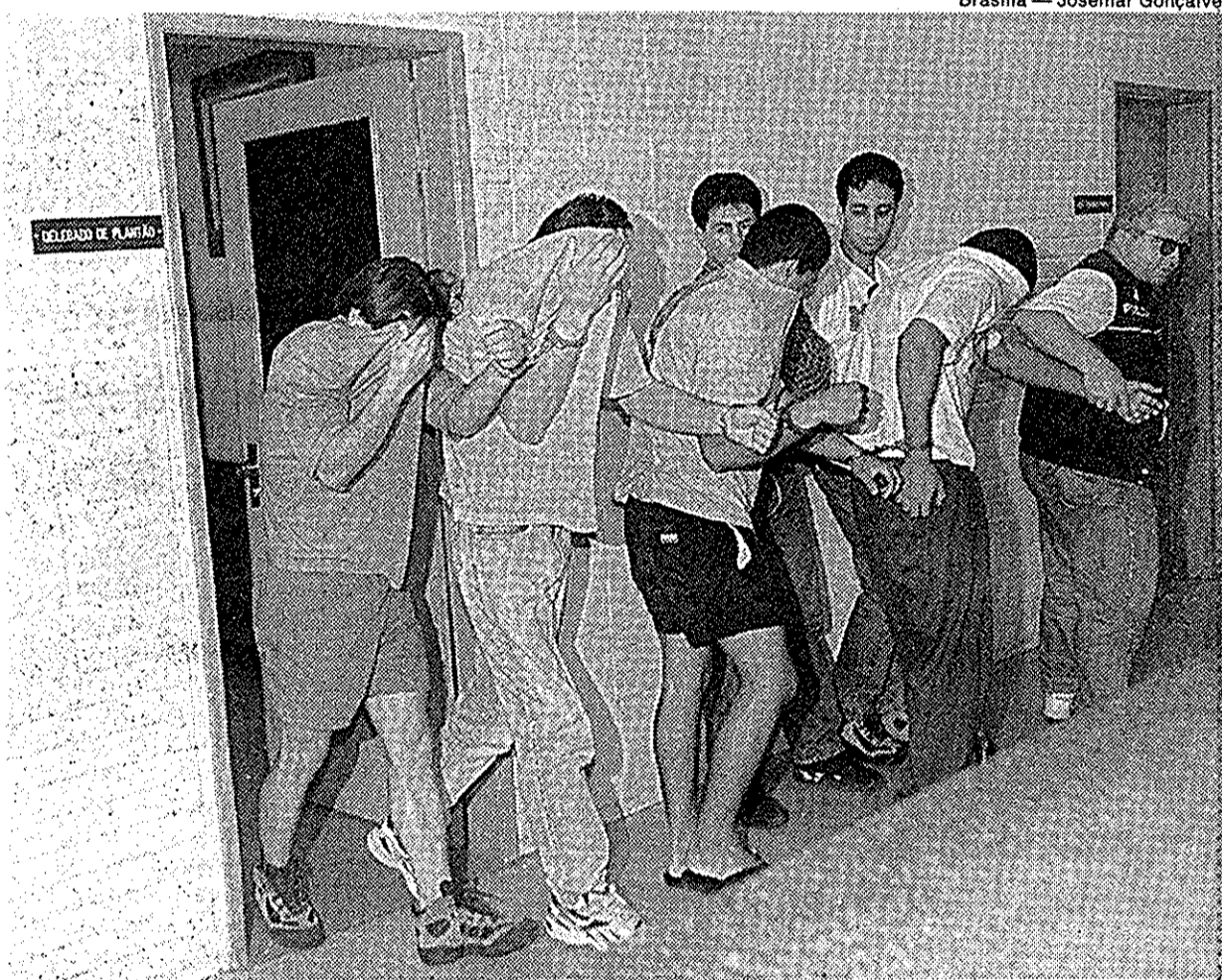
“Acho que a idéia não foi dele. Tenho a impressão de que eles devem ter pensado em fazer alguma brincadeira, que acabou passando dos limites. Não acredito que tivessem intenção de atear fogo no homem”, diz Ciro.

O atentado envolveu três integrantes de uma mesma família que mora em super quadras vizinhas na Asa Sul. Tomás Oliveira de Almeida, de 19 anos, e o irmão G.N.A., de 17, foram detidos como autores do crime no apartamento onde moram com os pais, na quadra 413 Sul. Na quadra 213, num prédio a menos de 300 metros de onde moram Tomás e o irmão, a polícia deteve Eron Chaves de Oliveira, de 19, primo dos dois. Eron é dono de um Gol prateado semi-novo.

“Nunca vi G. brigar nem provocar ninguém”, diz R., de 16 anos, que estudava na mesma sala do rapaz, no Centro Educacional do Setor Oeste. “Ele estava repetindo o primeiro ano do segundo grau.”

“Moro aqui há três anos. O Eron não era muito de conversar com a gente”, afirma J., de 21 anos. “Ele se mudou para cá com os pais há uns três ou quatro anos. Era um menino muito bom, educado. Fazia brincadeiras com todo mundo, mas nunca quebrou nada nem se metia em bagunça”, diz o porteiro do prédio, conhecido como seu Lula. Os colegas dizem que Eron já tinha concluído o segundo grau.

Segundo os colegas da quadra,



Quatro dos cinco rapazes de classe média alta que atearam fogo no índio pataxó foram levados para a 1ª DP

Tomás de Oliveira terminou o segundo grau num curso supletivo do Centro de Ensino Tecnológico de Brasília, escola particular com mensalidade em torno dos R\$ 200. Ajudava o pai nas suas lojas, a locadora de vídeo Mister Vídeo e o açougue Mister Beef.

Educação e atencioso — Descobrir que era vizinho de um jovem capaz de imolar com fogo um inocente estremeceu Paizinha

Drummond Chagas, que mora dois andares abaixo de Max Rogério Alves, de 19 anos. “Vi esse menino crescer. É de uma educação que não se vê mais. Ia levar o pai, que é procurador de Justiça, para o trabalho e descia para abrir a porta”, diz Paizinha. Segundo a Polícia Civil, Max é enteado de Walter Medeiros, ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral. No Monza usado no crime

há um adesivo do Ministério Público Federal.

“Ele tinha sido reprovado no vestibular para a faculdade de Direito. É difícil acreditar que um menino tão atencioso tenha sido capaz de fazer algo assim”, afirma Paizinha, que trabalha há mais de 20 anos em entidades para tratamento de viciados. “Se Max usasse drogas, eu perceberia.”

Violência de jovens é alta em Brasília

O alto índice de violência das grandes cidades brasileiras assume em Brasília uma particularidade que volta e meia repercute nos noticiários: atos de vandalismo praticados por grupos de jovens da classe média. A barbárie cometida na madrugada de ontem contra o índio Galdino — queimado por cinco rapazes — traz à memória dois casos típicos dessa característica na capital da República.

Em 1993, o adolescente Marco Antônio Velasco, de 16 anos, foi espancado até a morte por uma gangue de jovens lutadores, diante de várias tes-

temunhas. Os 11 integrantes da gangue que cometeu o linchamento, dos quais quatro eram menores, foram presos. Mas ficou a indagação sobre o motivo que leva jovens aparentemente comuns a praticar atos tão bárbaros.

O assassinato de Ana Lídia Braga, de 7 anos, em setembro de 1973, chocou o país duplamente, pelos requintes de crueldade — a menina foi asfixiada e depois estuprada —, e pelas suspeitas de envolvimento do próprio irmão da vítima, Alvaro Henrique Braga. Abafado pela censura da ditadura, o crime teria o envolvimento dos filhos de três eminências do regime: o ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, o senador Eurico Rezende e o deputado Flávio Márcio. A investigação não chegou a conclusão alguma e ninguém foi condenado.

Filho de presidente do STF ajudou

BRASÍLIA — O advogado Evandro Castelo Branco, de 27 anos, filho do presidente do Supremo Tribunal Federal, Sepúlveda Pertence, testemunhou o ato de vandalismo dos cinco jovens e ajudou a socorrer o índio Galdino Pataxó, que teve o corpo incendiado na madrugada de ontem em Brasília. “Estava voltando do casamento da irmã de minha namorada quando vi uma bola de fogo num ponto de ônibus. Desci e vi que era uma pessoa em pé, em chamas. Tirei o paletó e joguei em cima dele para tentar controlar o fogo”, contou Evandro.

Eram 5h quando Evandro saiu do Nahoum Palace Hotel, onde foi realizada a festa. O advogado foi padrinho de casamento de Cibila, irmã de sua namorada, Janaina, de 20 anos. Evandro ficou até o fim da festa e saiu de carro

acompanhando apenas da namorada. O advogado pegou a W3, avenida mal iluminada que é uma das principais vias de Brasília, e socorreu Galdino no ponto de ônibus entre as quadras 303 e 304, da Asa Norte.

Com o paletó, ele controlou as chamas do tórax de Galdino, que já estava deitado no chão. Mas nas pernas o fogo era muito alto. Evandro foi até o carro buscar um extintor de incêndio quando outro automóvel parou para ajudar. O motorista desceu com o seu extintor e apagou o fogo. “As pessoas que estavam naquele carro contaram ter visto alguns rapazes correndo logo depois de eu ter parado para ajudar. Eu não os vi fugindo”, afirmou Evandro.

Logo depois, chegou um carro da Polícia Militar. Evandro deixou um cartão com os policiais e

foi para casa, na Quadra 313 Sul, deixar a namorada, que teve uma crise nervosa ao ver o índio com o corpo incendiado. “Ela perdeu um parente há pouco tempo, num acidente de carro”, disse o advogado, que voltou logo depois, quando já havia uma ambulância do Corpo de Bombeiros para levar Galdino ao hospital.

O advogado seguiu a ambulância até o Hospital Regional da Asa Norte, onde foi informado de que as queimaduras eram de primeiro, segundo e terceiro graus. Mais tarde, os médicos descobriram que o estado de Galdino era gravíssimo. “Isso é uma monstruosidade, uma barbárie”, afirmou Evandro, que também ficou muito abalado com o crime e, no fim da tarde, na entrevista por telefone, perguntou várias vezes sobre o estado de Galdino.

Líderes indígenas organizam protesto

■ Caciques planejam ir a Brasília criticar política indigenista do governo e vão entrar na Justiça pedindo indenização à Funai

BRASILIA — Revoltados contra o atentado sofrido pelo índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, líderes indígenas decidiram convocar o maior número possível de caciques que ainda estão nas aldeias para vir a Brasília fazer um protesto gigante contra a política indigenista do governo.

Marcos Terena, um dos líderes mais conhecidos, disse que o grupo de caciques que já se encontra em Brasília deve entrar na Justiça com uma ação responsabilizando a Funai pelo crime cometido contra Galdino.

“O governo também é responsável por isso”, disse Terena. De acordo com ele, o Ministério da Justiça vem promovendo, nos últimos meses, campanha de desmoralização dos índios. “Eles dizem que os índios só querem privilégios, que só vêm à Brasília por causa das diárias que recebem do governo. Isso cria na sociedade um sentimento negativo contra os índios”, afirmou.

Terena desconhecia, no entanto, se do ponto de vista jurídico seria possível sustentar uma ação indenizatória com esta linha de argumentação, já que os cinco rapazes alegaram que não sabiam que Galdino era índio. “Vamos ver isso com nossos advogados”, disse.

Protesto — Um grupo de índios, formado em sua maioria por xavantes, está em Brasília há algumas semanas justamente para protestar contra a política indigenista e pedir a demissão do presidente da Funai, Júlio Gaiger.

Os índios acreditam que, por estar cortando sistematicamente despesas da Funai, Gaiger tenha por objetivo desativar a instituição, transferindo para estados e municípios a responsabilidade pela política indigenista.

“Essa é uma questão séria, mas vamos tratar dela depois. Agora é o momento de se concentrar e rezar para que o Galdino sobreviva”, disse o ministro interino da Justiça, Milton Seligman, ao ser questionado sobre a mudança da orientação do governo em relação aos índios e

sobre a demissão de Júlio Gaiger.

No final da tarde, a assessoria de imprensa do Ministério da Justiça disse que o atentado contra Galdino se trata de um fato “localizado” e que o governo manterá a atual política.

Procurado ontem, Júlio Gaiger não foi localizado. Segundo Marcos Terena, o presidente da Funai está, desde sexta-feira, pescando numa fazenda no Pantanal Matogrossense.

Revolta — A assessoria do Ministério da Justiça nega a informação e diz que Gaiger está em uma aldeia no Mato Grosso do Sul. Os índios ainda estão revoltados porque, há duas semanas, sete xavantes foram expulsos do gabinete do presidente da Funai por agentes da Polícia Federal, depois de estarem ocupando o local por três dias.

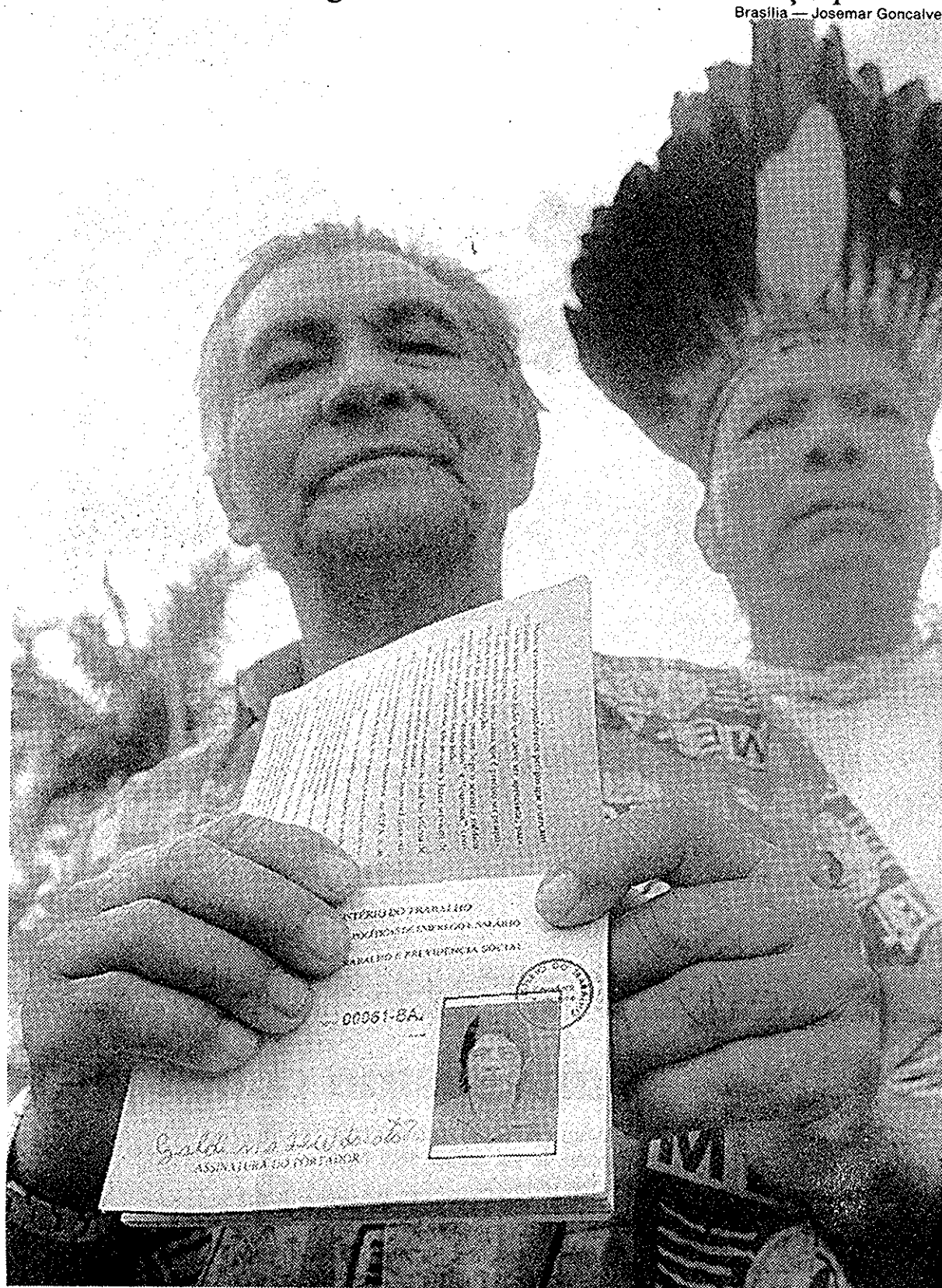
“A nossa intenção é que se possa denunciar e julgar o mais rápido possível para que a mancha da impunidade não nos envergonhe além do que esse episódio já está nos envergonhando”, disse Seligman, que ontem foi ao Hospital Regional da Asa Norte e também à 1ª Delegacia.

Seligman disse que a própria Justiça deverá determinar se o caso será julgado na instância de Brasília ou na federal — caso se confirme que foi um crime contra os direitos humanos.

O advogado Paulo Machado, do Conselho de Direitos Humanos da OAB do Distrito Federal, esteve ontem na delegacia para conhecer os detalhes do caso. Segundo ele, foi solicitado à Procuradoria Geral do DF para que um promotor acompanhe o processo.

O governador do DF, Cristóvam Buarque, também esteve no hospital e na delegacia. “É a honra de Brasília que está em jogo”, disse o governador. “É necessário que esses rapazes, que são bandidos, não saiam sem punição”, cobrou.

Cristóvam Buarque lembrou que o presidente Fernando Henrique Cardoso, que chega hoje ao Canadá, já terá a visita manchada por esse episódio. (Jailton de Carvalho e Francisco Marques)



O pai do índio Galdino, Juvenal Pataxó, segura a carteira com a foto do filho, junto ao cacique Aniceto

Índio teria se perdido na cidade

BRASILIA — Galdino Jesus dos Santos Pataxó fazia sua segunda visita a Brasília. Depois de comemorar o Dia do Índio na sede da Fundação Nacional do Índio (Funai), onde dançou com outros índios, seguiu para a pensão de Vera Moretti, perto da Funai, mas não conseguiu entrar.

A proprietária disse que não escutou Galdino tocar a campainha. Ele foi, então, procurar a prima Maria de Sousa Melo, que estava hospedada numa outra pensão a duas quadras dali. Mas Maria estava numa terceira pensão próxima e Galdino foi procurá-la. Não se sabe o que aconteceu depois disso.

Maria acredita que, por desconhecer a cidade, Galdino se perdeu. Por isso teria decidido abrigar-se no ponto de ônibus, situado a poucos metros da pensão de Dona Vera, onde os cinco rapazes lhe atearam fogo.

Aos 44 anos, casado, com uma filha de 12 anos, Galdino é conselheiro há mais de dez anos, escolhido por sua capacidade de conciliação, como explicou outro líder pataxó, Reginaldo Vieira. Pela hierarquia da tribo, primeiro vem o pajé, depois o cacique e, em seguida, um conselheiro.

Conselheiro — Galdino era um dos conselheiros que menos viajaram. Veio a Brasília em 1993, para resolver um incidente entre a Polícia Militar baiana e os pataxós. Na sexta-feira passada, ele voltou, com um grupo de oito índios da tribo para participar das comemorações promovidas pela Funai pelo Dia do Índio e da marcha dos sem-terra.

Um primo de Galdino, Gerson Pataxó, esteve na reunião do presidente Fernando Henrique Cardoso com os representantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na sexta-feira.

Além de participar da marcha, Galdino veio reivindicar a demarcação das terras dos pataxós, no sul da Bahia. Desde 1926, quando o Exército demarcou 36 mil hectares para a tribo, estão perdendo território para fazendeiros. Hoje, os pataxós têm pouco mais de mil hectares. Galdino pertence à comunidade Caramuru-Paraguaçu, uma das 13 aldeias pataxós.

Tribo luta para reaver suas terras

BRASILIA — Os índios pataxós há-hã-hãe foram expulsos de suas terras à bala nos anos 50 e 60. Em 1982, voltaram a se juntar e invadiram a antiga área indígena Paraguaçu-Caramuru, onde estava instalada a Fazenda São Lucas, no município de Pau Brasil (BA). Desde essa época, a briga dos índios com os fazendeiros tem sido constante. Pelo menos cinco índios foram assassinados desde a ocupação. Em 1993, os pataxós invadiram outras três fazendas, chegando a tomar 15 pessoas como reféns.

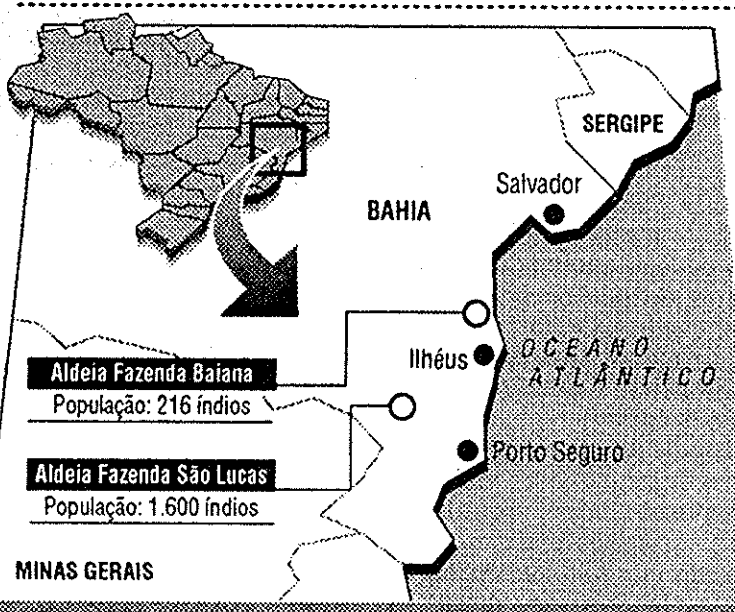
Os atritos entre índios, fazendeiros e madeireiros são frequentes. Até hoje, Jenner Rocha luta na Justiça para reaver a Fazenda São Lucas, uma entre inúmeras propriedades que surgiram dentro da área dos pataxós. O fazendeiro quer provar que os índios, hoje muito miscigenados, já não representam uma etnia. Como se espalharam por vários estados, os pataxós casaram com negros e brancos, perdendo a identidade étnica.

Extinção — A situação na aldeia é crítica. A mortalidade infantil vem crescendo a uma média de 20% a 30% ao ano. Os índios se queixam da falta de recursos nas aldeias e da ausência de uma política de saúde. A comunidade foi atingida por uma epidemia de cólera em 1992. No mesmo ano morreu o principal líder do grupo, Higino Francisco Muniz.

Higino conseguiu levar para a Fazenda São Lucas índios que, desde a perseguição por grileiros, haviam se espalhado pelo litoral do país. Alguns chegaram a tentar a vida em outros estados quando perderam suas terras. Os pataxós também continuam enfrentando problemas com madeireiros que invadem a área para derrubar o que resta de Mata Atlântica.

Os 1.600 pataxós há-hã-hãe vivem em uma aldeia sem infraestrutura e com sérios problemas de abastecimento de água. Os outros estão no litoral.

A aldeia dos pataxós



Fonte: Funai

“Laranja mecânica 2”

■ Crime cometido por jovens lembra filme de Kubrick

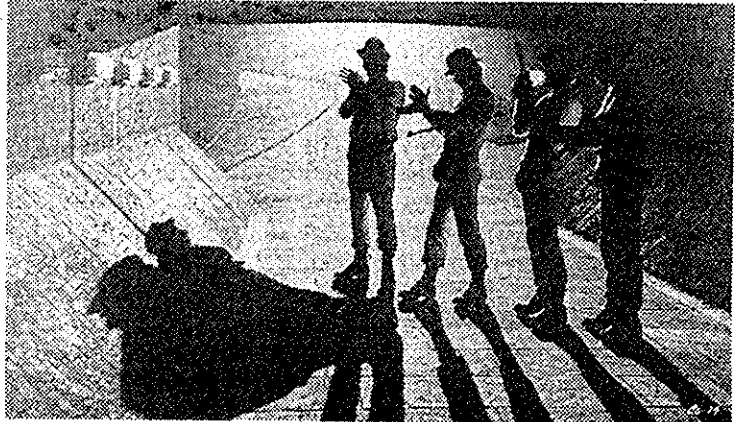
BRASILIA — Na década de 70, a história de um grupo de delinquentes juvenis chocou platéias do mundo inteiro e passou por problemas com a censura no Brasil. *Laranja mecânica*, filme de Stanley Kubrick baseado num livro de Anthony Burgess, mostrava os prazeres destrutivos de um bando de celerados, liderados por um assustador e desequilibrado pós-adolescente interpretado por Malcom McDowell.

Os prazeres do grupo se limitavam a beber leite e praticar o que eles apelidavam de

“ultra-violência”: espancamentos sistemáticos, de preferência tão covardes quanto o atentado praticado na madrugada de ontem por cinco rapazes de Brasília. Preso, o personagem de MacDowell é submetido a um longo e doloroso processo de reeducação.

Na época do lançamento, houve uma série de protestos contra o filme, acusado de promover a violência e incentivar jovens a seguir os passos dos incontroláveis personagens do filme. No Brasil, *Laranja mecânica* levou um bom tempo até ser liberado, com um detalhe cômico: nas cenas de nudez, bolinhas pretas corriam pela tela, tentando ocultar o que os censores do regime militar consideravam impróprio para os olhos dos brasileiros.

Arquivo 1978



Gangue do filme “Laranja mecânica” abordando uma vítima

FH inicia hoje visita ao Canadá

VERA BRANDIMARTE

OTTAWA — O presidente Fernando Henrique Cardoso chega hoje ao Canadá para uma visita de quatro dias, a primeira de um chefe de estado brasileiro em 14 anos. Os canadenses o esperam com uma proposta de iniciar discussões para um acordo entre Canadá e Mercosul.

Mas duas questões espinhosas, minimizadas pela diplomacia dos dois países, também estarão esperando o presidente: a disputa na Organização Mundial do Comércio (OMC) entre a canadense Bombardier inc. e a Embraer, que se acusam mutuamente de subsidiar a venda de aviões, e a manutenção, em solo brasileiro, dos canadenses Christine Lamont e David Spencer, que cumprem pena de 28 anos pela participação no seqüestro do empresário Abílio Diniz.

Essas questões, entretanto, deverão ser amplamente suplantadas por interesses muito maiores. O encontro marcado para amanhã entre Fernando Henrique com o primeiro-ministro canadense, Jean Chrétien, terá como principal cardápio o início das negociações para aproximar o Canadá do Mercosul.

CANADÁ EXPRESSO

Roteiro econômico com o melhor preço e garantia Soletur

3 noites em Toronto, 3 em Quebec e 3 em Montreal, no melhor Hotel 3★ de cada cidade

- Atendimento por guias brasileiros em todas as cidades visitadas.
- Passeios a Niagara Falls, Ottawa e Cruzeiro Fluvial pelas Mil Ilhas.
- Seguro viagem Top-Card Sun incluído.

Saídas semanais garantidas às 4as feiras.

20 x R\$ 101,
+ Entr. R\$ 240,
ou 3x R\$ 534, sem juros
ou à vista R\$ 1.602.

Totais: R\$ 2.260.

Preços p/ pessoa (aéreo + terrestre) em apto. triplo. Saídas até 25/6. Taxa de câmbio: US\$ 1,00 = R\$ 1,085. Taxa de juros 2 a 4%.

Pegue seu folheto grátis!

Centro: 509-4499 • Copa: 548-1895 • Ipanema: 522-1188
Barra: 494-2137 • Tijuca: 569-4893 • Niterói: 710-7401
N. Iguaçu: 667-3673 • Madureira: 390-9896
Méier: 593-4048 • Ilha: 462-3388

Consulte o seu Agente de Viagens

soletur
Líder em Canadá desde 1985

Atendimento às Agências: 267-6633

VEÍCULOS

Todo dia.

Achei!